

Entrevista com Suely Galinatti
Realizada em 17/10/98
Entrevistador: Alexandre Fortes

S. Fui trabalhar de Mestre, entrei de mestre.

E. O seu nome completo?

S. Suely Cwzyerbynsky Galinatti

E. Suely?

S. Suely Cwzyerbynsky Galinatti

E. Depois vou pedir pra senhora escrever. De solteira é?

S. Cwzyerbynsky

E. É polonês?

S. É

E. Galinatti?

S. É de casada.

E. É de origem italiana?

S. É.

E. A senhora nasceu onde dona Suely?

S. O que?

E. A senhora nasceu aqui já, em Porto Alegre?

S. Nasci já, não. Porto Alegre não. Nasci no Rio Grande.

E. No porto, na cidade?

S. É.

E. Em que ano?

S. Ano de 1919.

E. E a sua família era veio da Polônia mesmo?

S. Não, a minha mãe já veio da Polônia aí casou aqui no Brasil e ficou brasileira.

E. Seu pai também era de ascendência polonesa?

S. Era, polonesa. Todos os dois. Casaram aqui. Parece que foi no Rio Grande que eles casaram, não me lembro bem mas acho que foi no Rio Grande.

E. Eles trabalhavam em quê?

S. Meu pai era alfaiate trabalhou muito e ficou muito rico e depois perdeu dois filhos numa noite com sarampo recolhido e os dois morreram, morreu um e depois morreu outro ele ficou tri doido. Ele morava perto da Avenida Eduardo ali perto dos Gondoleiros. Tinha uma oficina grande ali e trabalhava uma porção de oficial junto com ele. Ele trabalhava assim fazia aquelas roupas elegantes e o pessoal botava assim, pra mostrar como ele fazia. Em 24 horas ele fazia uma fatiota. Depois minha mãe deixou dele porque ele bebia, ficou sozinha e depois se ajuntou com um homem e depois ficou vivendo com ele muitos anos, depois de muitos anos casou. Depois ficou velha com 99, quase 100 anos. Morreu depois.

E. A sua mãe chegou a trabalhar fora?

S. Trabalhou também, na fábrica de tesoura, depois trabalhou, primeiro trabalhou na padaria, era empregada assim de ajudar na cozinha, aí trabalhou numa oficina de mecânica, faz tantos anos que nem me lembro.

E. Mas aqui em Porto Alegre?

S. Aqui em Porto Alegre

E. E a padaria também?

S. Sim, a padaria foi aqui na São Paulo. Padaria Universal. Depois o velho morreu e outros pegaram e botaram outro nome, sei lá. Não sei mais.

E. Muda muito.

S. É muda. Depois eu vim mais pra cá. Muito tempo trabalhando na fábrica de bala, trabalhei muitos anos no Francisco Romano, depois da Francisco Romano passei pra tecelagem ali. A minha mãe me trouxe pra ali e fiquei trabalhando ali e ali casei. Ali fiquei até este tempo e me aposentei.

E. Com que idade a senhora veio de Rio Grande pra Porto Alegre?

S. Eu acho que vim pequena, acho que tinha uns cinco ou seis anos e meu pai botou oficina aqui e ia bem e de repente morreu os filhos, morreu dois, três filhos de sarampo. Depois os outros morreram assim o mais velho que morreu com 15 anos, morreu minha mãe estava separada dele e ele foi trabalhar na padaria junto com a mãe e ele ficou assim meio cansado, suado e foi tomar banho no rio era no rio que se tomava banho ainda e ganhou aquela febre, febre, febre, e morreu.

E. Então a senhora perdeu três irmãos?

S. É perdi três irmãos.

E. Eles eram mais novos?

S. Mais velhos.

E. Todos eles?

S. Todos eles mais velhos. Eu era a menor. Tem outra irmã também, a irmã mais velha que eu. Três irmãs e o resto era homem, uma é mais velha e a outra é a mais moça. Uma tem 70 e a outra tem 80 ou 90 nem sei. Sei que ela é mais velha, eu estou quase nos oitenta.

E. Então quer dizer que ficaram só as mulheres.

S. Só as três mulheres. O resto foi tudo embora, a mãe também já morreu, meu padraço também já morreu e a casa ficou lá a outra mais moça está morando nela.

E. A casa é onde?

S. A casa é na..o nome da rua eu não sei..é no Esteio. Não vem na cabeça agora. Depois eu lhe digo.

E. A senhora chegou a morar em Esteio?

S. Não. Sempre morei por aqui. Minha mãe morava na Pernambuco. Depois ela foi, ficou velha já, não trabalhava mais aí foi pro Esteio. E eu fiquei aqui, casei. O marido trabalhava na Arroseira. Eu também trabalhava de tecelã, depois trabalhou de contramestre, de mestre e depois ficou aposentado.

E. Antes da Arroseira trabalhou na fábrica de balas?

S. Trabalhei na fábrica de balas Francisco Romano.

E. A senhora começou a trabalhar com que idade?

S. Olha, eu comecei a trabalhar eu tinha nove ou dez anos, naquele tempo não tinha nem tempo pra entrar nem tempo pra sair né. Aí depois sim comecei a trabalhar e veio as leis, veio Getúlio e as leis dele fez a vida fácil até morrer né.

E. Quanto tempo a senhora trabalhou na fábrica de balas mais ou menos?

S. Uns três anos, quatro. Aí a minha mãe tirou porque aí ganhava mais né. Aí eu vim trabalhar tinha dezoito anos. Quando vim trabalhar e arrumei meu noivo, meu marido.

E. Na fábrica mesmo?

S. Na fábrica mesmo e me casei. Aí morei ali na ...olha eu não sei o nome da rua não lembro mas é perto daqui não lembro da rua morei ali três anos fui pro IAPI, fizeram aquelas casas lá. Não cheguei a morar um ano lá aí comprei (..?) nós se acidentamo, porque nós ia de moto pra lá e pra cá. Depois que eu fiquei boa, mais de um ano na cama. Quebrei a perna aqui em cima fiz fratura exposta, quase perdi a perna. Meu marido também sofreu aqui no peito, quebrou tudo por dentro. Pensei que ia morrer mas não morreu ainda viveu uns 20 anos ainda. Quebrou clavícula, quebrou omoplata, quebrou os dentes tudo da boca. Ficou estraçalhado. Melhorou, depois foi trabalhar de novo. Trabalhou pouco tempo e depois se aposentou.

E. E a família dele era daqui também?

S. Não, não era daqui. A família dele era da Itália.

E. Eles vieram direto pra cá. Ele veio com a família?

S. Ele veio com a família. Tinha granja, tiveram granja muito tempo, o pai dele tinha antes de casar. Depois começou aquelas enchentes aqui, enchente uma atrás da outra. O velho fez uma boa planta (...?)o ano que vem não vou plantar mais veio uma chuvarada, veio aquela chuva, uma enchente. Deu água até no telhado aqui no Navegantes, perdeu tudo e logo em seguida eu me casei. Fui morar sozinha com ele. Depois tive um filho. Aí fiquei aqui morando, vim pra cá.

E. Filho a senhora teve um só?

S. Só um. Só um. Tive porque fiz tratamento, não podia ter filho e aí ganhei um filho. Está aí, está doente, está morando comigo. Depois que meu marido morreu veio morar comigo, pra mim não ficar sozinha. Morava lá na vila, não sei o nome da vila. Lá pra cima, tinha uma casa boa, ele comprou e quando terminou de pagar veio morar aqui. Eu estou muito esquecida eu estou.. Não sei se é por causa das coisas que estão acontecendo aqui em casa, báh nem gosto de me lembrar. Minha neta mais velha casou, faz seis anos que é casada, o homem virou a cabeça e saiu de casa deixando ela sozinha. Ela está quase louca a coitada. Também fico assim triste.

E. A senhora sabe por que seus pais vieram de Rio Grande pra cá? Para Porto Alegre?

S. Isso eu não sei. Minha disse que ele tinha uma alfaiataria lá, meu pai e tinha três filhos. Uma guria e dois gurus. Ela é a mais velha de todas essa que mora lá na Vila Getúlio Vargas, por aquele lado ali. Mora com o filho também. Morreu o marido e ela ficou sozinha. Teve 3 filhos um morreu depois de muito tempo casado. Acho que tu conhece ele. Não, não conhece. Você mora aqui, não?

E. Não, eu não moro aqui não. A minha família morou na Pernambuco. Eu morei até os cinco anos, depois a gente saiu daqui.

S. O senhor não é filho da Alda né?

E. Não, eu sou....a minha avó é prima da Alda.
S. Ah tá. Pensei que ela falou em primo..
E. Filho da sobrinha da Alda.
S. Agora eu não sabia se o senhor era filho ou era conhecido ou o que que era?
E. Nós somos parentes. Eu até convivi muito com meu bisavô que era irmão da mãe da Alda. Tia Mocinha.
S. Há muito tempo ela tinha falado comigo. Eu disse tá eu vou falar o que eu sei.
E. A senhora entrou com mais ou menos dezoito anos na Arrozeira?
S. É.
E. A senhora falou que trabalhou primeiro na tecelagem.
S. Na tecelagem, saí da fábrica de bala e fui para a tecelagem(sinos) porque diz que era bom ali, aí quando cheguei ali, trabalhava sentada e depois trabalhar em pé. O senhor já pensou? Correr em volta das máquinas. Trabalhei trinta, trinta e poucos anos ali.
E. E a tecelagem ali é de sacos?
S. Arrozeira é sacos. Tinha que fazer a peça e tirar, fazia uma peça e tirava. Era 80 metros que era. Quanto mais fazia mais ganhava.
E. Ganhava por peça?
S. É por peça.
E. Trabalhava em média quantas horas por dia? Entrava que horas e saía que horas?
S. Pegava às sete, sete e meia e largava ao meio dia, pegava a uma hora e largava às seis, naquele tempo. Depois, às vezes tinha serão.
E. Isso de Segunda a Sexta?
S. É, de Segunda a Sexta e trabalhava Sábado também. Quando comecei a trabalhar trabalhava Sábado, depois veio uma lei em que se trabalhava só meio dia. Depois veio outra lei onde o dia todo não se trabalhava.
E. Nos sábados. A senhora começou na produção, ficou quanto tempo?
S. Na tecelagem?
E. Na tecelagem.
S. Trabalhei muitos anos, uns trinta ano trabalhei na tecelagem. Porque trabalhei não sei quantos anos, porque trabalhei só na tecelagem de fazer o saco e depois me tiraram pra contra mestre.
E. Com muitos anos de trabalho?
S. Depois com muitos anos de trabalho comecei a trabalhar de mestre só cuidar quem entrava e quem saía, trocar os tear, botar quem não sabia o aprendiz aprendia, botava na outra máquina. Assim que eu fui levando
E. E o salário?
S. O salário, o primeiro quanto mais fazia mais ganhava. Por exemplo a peça era de seis se tirasse uma e um pouco, no outro dia tirava duas. Mais ou menos ganhava uns cem mil por quinzena, por quinzena te digo assim né
E. Dava pra viver?
S. Dava pra viver folgado. Ganhava muito era muito dinheiro. Fiz a casa aqui, fiz a casa aqui.
E. Pois é, vocês compraram o terreno?

S. Era um correr de casas assim, não sei o senhor viu ali adiante as casas?

E. Aqui em frente?

S. É.

E. Não, eu vou dar uma olhada.

S. Pois é o senhor olhe ali, agora está pra vender. Era assim aqui era uma e tinha uma nos fundos, chalé. E eles queriam vender porque eles tinham negócio de fazer escrita e faziam papéis pra vender também

E. Ah uma gráfica.

S. Uma gráfica, já estou meio esquecida já não me lembro e é bom que o senhor vá falando. Aí eles venderam aqui porque queriam fazer um aumento da casa(o Valmor não vai descer porque ele está com uma dor de cabeça, ele está tão ruim que não aguenta, a senhora vai né vai dando entrevista pro rapaz.) E aí então tinha a minha casa tinha a casa da outra aqui e mais casa, tinha três casa junto. Então eles venderam essa aqui com a dos fundos pra nós, aí nós moramo uma porção de tempo, arrumamo e tudo mas ficou muito ruim por causa do chão, era pau então meu velho disse vamos desmanchar e fazer duas peças pra nós, fez essa casa.

E. Isso logo depois que vocês casaram?

S. Não, depois de muito tempo. Depois logo em seguida botaram nós pra rua, ficaram com o olho grande, porque nós estava produzindo muito, ganhava muito entre os novatos, morre os antigos, aí morreu os dono aí nós saímo já tinha tempo de serviço. Trabalhei 37 ano. É muitos anos. Estava velha mesmo. O que que eu ia fazer? Primeiro estranhei muito depois fui trabalhando deixei de trabalhar.

E. Quanto tempo a senhora trabalhou? Quase trinta na produção fazendo mesmo?

S. Huhuhu

E. E depois de mestre e contra mestre e aí quanto tempo ficou nestas funções?

S. Acho que a metade, metade de tecelã e a metade de contra mestre, mais ou menos.

E. O trabalho de tecelagem, como era era muito bruto?

S. Era pesado, era muito pesado o serviço. Bom, pesado pra quem começava mas quem já trabalhou muito tempo foi acostumando. Então, eu levava um dia e tirava uma peça, outro dia eu não tirava, tirava duas porque sobrava sempre um pouco porque eu trabalhava muito, não ia no banheiro toda a hora. Tem gente que vai trabalhar mas ganhava por dia, ganhava oito cruzeiro a hora não, por dia e isso assim que ia fazer.

E. Problema de alguma doença em relação ao trabalho? Ou de acidente tinha muito?

S. Graças a Deus, porque nós não ficava doente, dor de cabeça essas coisas a gente ganha assim e depois passa mas nunca graças a Deus, quando eu fiquei doente mesmo foi quando eu fiquei em casa e saí da firma. Me incomodava muito e depois a gente vai ficando velha e também.

E. Em relação a outras pessoas, de ver, por exemplo, na tecelagem não sei se caso da sacaria que solta muita poeira..

S. Poeira é. Tinha poeira mas a poeira caía embaixo da máquina, quando se cortava a última peça pra tirar e aí se limpava o tear bem limpinho todo. Aí eles botavam de novo.

Aquilo era tirado toda a semana, toda a semana era sete peças então se limpava o tear, não ficava coisas. Depois eu passei por dia, era contramestre e aí trabalhava assim ía ajudando

um ajudando outro e quando não tinha nada pra fazer ficava olhando também tinha os que vinham pra arrumar as máquinas que estavam estragada, tinha o papel com nome e tudo direitinho e dava pra eles que eles arrumavam lá.

E. Esse tempo todo que a senhora trabalhou na Arrozeira chegou a ter problemas de épocas que não tinha serviço ou que..

S. Não, não tinha serviço mas as vezes tinha de ficar parada porque faziam greve, naquele tempo faziam greve aí tinham que parar, mas nós não parava porque nós era mestre e tinha que estar lá

E. O período que teve mais greves era o período que a senhora já estava de mestre?

S. É já tava lá mestre

E. E teve muitas greves?

S. Teve, ihhh naquele tempo tinha muita greve, faziam

E. A senhora lembra mais ou menos que época que tinha?

S. A época eu vou dizer mas data eu não sei, o senhor mais ou menos deve saber?

E. Até agora eu não vi notícia de greve na Arrozeira.

S. O senhor pergunta pra outros que eles vão lhe dizer.

E. Mas a senhora já era mestre então era mais por quarenta e poucos

S. Mais ou menos essa data, eu sei que trabalhei muito e só adquiri isso aqui e mais nada.

Uma casa na praia que meu filho agora teve que reformar, porque já estava caindo os pedaços. Ele reformou e ficou pra ele, porque é só ele que eu tenho pra quem que eu vou dar? Tenho netas, duas netas. Essa que é casada essa que o marido fez sujeira pra ela. Estou com uma pena dela que nem sei coitada. Guria moça e se amarro num cara, oito anos, ele vinha e parava aqui que morava pra fora. Agora de repente se fez na custa dela. Ele está estudando na faculdade e vai se formar já tem um anel bonito que eu ia dar pra ele, agora não vou dar mais. Não quis mais, a gente está assim tão chateado, ela chorou tanto de meio dia. Telefonou pra ela perguntando se ela não fez o negócio o divórcio, ele quer de certo tem outra já pra se engatar. Eu acho porque uma coisa assim, de repente

E. Rápido né?(risos de quem trasncreveu)

S. De repente e é isto. A gente não tem cabeça pra pensar em nada está tudo doente, é isso só o que eu tenho pra dizer.

E. A senhora começou a trabalhar já quando seu pai ficou doente?

S. Não, meu pai já tinha morrido há muito tempo.

E. Quando a senhora começou a trabalhar.

S. Tinha morrido há muito tempo, ele bebia muito e vinha fazia briga com minha mãe ela não queria mais. Tinha que dar um jeito nós era tudo pequena e foi quando meu irmão foi trabalhar, ficou doente também, morreu e ficou só eu e as duas irmãs. A mais moça, com seis anos parece que ela tinha, e nós era tudo maior e ela foi morar na casa da minha tia e quando ficou mais moça foi trabalhar. Trabalhou na Neugbauer, na Arrozeira lá também. De enfiadeira de...

E. E essa questão das mulheres trabalharem em fábrica era uma cosia comum, não tinha preocupação nenhuma da família?

S. Não, ninguém falava gostava de trabalhar de ganhar dinheiro tudo gostava de trabalhar, de ganhar dinheiro. Trabalhava oito horas ou nove horas, trabalhava serão, nós ficava ali

sentada, comia e ficava ali sentada, lendo ou bordando uma coisa ou outra, aí pegava a trabalhar de novo aí fazia serão até às oito. Lá não tinha hora pra largar. Quando tinha muito serviço se trabalhava bem e ganhava bem.

E. E mesmo trabalhavam mulheres já casadas?

S. Tudo era casada, tudo já era casada, mais velha do que eu. Eu já era a mais eu acho que eu era a menor de todas ali dentro

E. Sei

S. Quando eu comecei a

E. Não, porque tem outras fábricas em que em alguns casos que é que as mulheres trabalhavam quando era solteira e depois paravam.

S. Huhu eu trabalhei toda a vida e trabalhei enquanto deu.

E. Aqui na Arroseira a senhora disse que a maioria das colegas já eram mulheres casadas.

S. Já eram mais velhas eu era muito moça quando fui trabalhar, dezenove anos. Trabalhei na fábrica de bala, trabalhei lá no Francisco Romano por dois anos e depois trabalhei em uma outras fábrica de bala, teve outra aqui e aí minha mãe resolveu me trazer aqui pra..

E. Aqui na Arroseira vocês tinham algum tipo de benefício, como do tipo no Renner, tinha médico..?

S. Ah tinha médico, tinha tinha a gente ficava em casa quando estava doente de atestado, e o médico da firma. Era muito bom, tinha médico, tinha tudo ali, se precisasse tinha dor de cabeça tinha dor de barriga tinha tudo ali, tinha muita menstruação agente ia ali e ele dava remédio, ficava em casa um dai ou dois.

E. Era um bom atendimento?

S. Era muito bom.

E. E tinha bastante gente?

S. Tinha tinha, mais de 300 pessoas trabalhando.

E. A maioria mulheres ou dividiam?

S. Não, só mulher trabalhava nos tear na costura também, fazer o saco deixar pronto empilhado e tudo pronto pra levar pra outro lugar pronto os sacos e na tecelagem e na fiação também era só mulher, tinha homens pra serviços assim pesados, grosso, bruto de carregar era o homem, mas assim era só mulher.

E. O seu marido, por exemplo, fazia o que?

S. Ele era mestre, mestre da tecelagem

E. Mestre da Tecelagem?

S. É na tecelagem, estragava a máquina ele vinha arrumar.

E. A senhora conheceu ele no trabalho mesmo?

S. No trabalho mesmo. Ali mesmo. É muita coisa pra falar, mas a gente não se lembra assim na hora.

E. A sua família era polonesa, de origem polonesa. Vocês falavam polonês em casa ou falavam..

S. Eu falava polonês com minha avó, mas com minha mãe já falava brasileiro. A minha vó falava polonês bem com todos ela falava polonês bem.

E. A senhora chegou aprender?

S. Sim mas eu esqueci agora.

E. Porque só praticava com a avó?
S. É eu fiquei muito tempo com minha vó depois quando me casei e quando comecei a trabalhar já saí.
E. No lugar onde a senhora trabalhava, por exemplo na Arroseira a maioria era de que origem assim?
S. Era russo, polaco e polaca, polonês, alemão tinha, tinha muito era russo.
E. Muito russo
S. É muito russo, veio aqueles migrantes eram caminhões cheios, acho que vinha de fora naquele tempo não ligava pra essas coisas, ligava pra outras coisas
E. Mas que tinham chegado há pouco tempo?
S. Era há pouco tempo e na padaria em cima, um sótio, então eles dormiam tudo lá no chão, colocava os cobertor no chão as coisas tudo no chão, não tinham nada.
E. Esses ainda não falavam português?
S. Não, não falavam, só russo ou polonês.
E. E como era, por exemplo, a comunicação entre essas pessoas?
S. Só falava, quem trabalhava na cozinha que fazia a comida, porque antigamente eles davam comida para os trabalhadores trabalhar, e aqueles que não trabalhavam ali comiam o pão e esses negócios de frios aqueles salames uma coisa gorda que nem toucinho comiam aquilo com pão e café, não comiam comida boa como a gente faz em casa que faz a comida assim era. O senhor vai desculpar porque não tenho muita lembrança.
E. A senhora falou da questão da legislação trabalhista que com o Getúlio veio. Mudou muito o trabalho?
S. Mudou muito, quando o Getúlio veio nós ganhamos mais o salário, ganhamos médico, ganhamos muita coisa boa, sindicato, contra mestres e mestres eles fizeram muita coisa boa, se se incomodava com qualquer coisa tudo ia lá pro sindicato.
E. Que tipo de problema que dava pra procurar o sindicato?
S. Negócio de dinheiro.
E. Estavam pagando menos do que devia.
S. É, a gente trabalhava e queria pagar né então faziam um aumento dava um aumento.
E. Tinha um sindicato separado só de mestres e contra mestres?
S. Não, é sim, só mestres e contra mestres, mas nós era sindicalizadas nesse sindicato aqui e aqui no outro que era de mestre e contra mestre.
E. Ah, nos dois ao mesmo tempo?
S. Nos dois, é. Então nós tinha que correr naquele, porque aqui era pra doença e sindicato assim de trabalhador a gente ia pra ver como era.
E. Mas o que resolvia mais os problemas era o outro?
S. O outro que resolvia mais.
E. Esse aqui eu cheguei a ir e falei com um senhor o senhor Abrelino.
S. Eu não conheço mais eu nunca mais fui ali.
E. Ele trabalhou na Arroseira, mas acho que muito tempo foi presidente do sindicato, seu Abrelino eu conversei com ele.
S. Tinha dois sindicato, mas o sindicato mesmo de mestre e contra mestre era lá mas aquilo foi assim tinha dinheiro foi, nós tinha dinheiro depositado, até o dinheiro que era nosso

sumiu começaram a roubar. Foi indo foi indo e terminou tudo, terminou mesmo terminou o sindicato não tinha mais sindicato.

E. A senhora estava falando os mestres na maioria da tecelagem eram mulheres, os mestres e contra mestres também eram mulheres a maioria?

S. Não, só, mestre era mestre era uma só pra aquela sessão inteira e na outra sessão era outro que mandava e na outra sessão era outra. Quer dizer que às vezes agente conversava, mas ninguém ia na sessão do outro. No começo era muito bom mas depois foi foi foi ficou assim anarquia, muitas fábricas fecharam. Vê essa aí da Gerdau terminou está caindo os pedaços tudo ali, é pena, quando eu comprei aqui eles ainda trabalhavam aqui.

E. Aqui mudou muito.

S. Ali na esquina, essa esquina todinha era o Gerdau.

E. A parte de móveis?

S. É a parte de móveis, do lado de lá que tinha atravessado lá era onde faziam as coisas tudo pra virem pra cá as cadeiras pra eles fazerem, empalharem, aprontar as cadeiras, do lado de lá. A firma fazia cadeira, do lado de cá eles empalhavam. Era muito bom.

E. A questão das enchentes a senhora chegou a falar que tinha muita enchente?

S. Tinha enchente, bem aqui bateu água aqui em cima na janela.

E. Isso em 41?

→ S. Na primeira enchente que teve, logo naquele tempo eu tinha me casado. Fazia uns três anos que eu tinha me casado, tinha 21 anos ganhei o guri não morava aqui, morava no Niterói, tinha casa lá, fiz a casa lá e tudo. Depois vim pra cá e vendi

E. Lá em Niterói?

S. Era lá em Niterói que agente morava.

E. Tinha muita gente que trabalhava por aqui que morava lá?

S. Tinha tinha muita gente.

E. E vinha como?

S. Vinha. tinha um ônibus que pegava todo mundo, muita gente uns de bicicleta, de carroça, de auto naquele tempo era assim o que dava

E. Lá era mais barato?

S. Era mais barato lá, nós pagamos dois terreno pagamos cinco mil, não era nada.

E. Depois pra comprar aqui vocês venderam lá?

S. É, é. Não, como foi? Não, eu já tinha vendido lá e aí eu disse pro velho vamo comprar uma casa porque nós se acidentamo né, não tinha nem a metade do movimento, nem a quarta parte da metade do movimento e nós se acidentamos onde eles fizeram a faixa e nós se acidentamos logo depois da enchente eles fizeram aquela faixa e aí quando nós fomos atravessar pra ir pro serviço, não consigo lembrar, foi quando nós viemos, chegamos ali vinham dois corrido, um jipe da base e outro não sei da onde. Eu sei que pegou nós e levou, eu caí logo porque eu vinha na garôpa e ele foi mais porque vinha mais fechado. Ele, olha arrancou tirou o sapato assim do pé, não arrancou o pé porque teve sorte mas quebrou ele todinho.

E. Bateu de frente?

S. Não, bateu de lado.

E. Eu digo quando ele caiu.

S. Não ele não caiu ele foi grudado na moto foi arrastado, foi arrastado porque se segurou. Aí custou vim buscar a ambulância, demorou. Olha quando não é pra morrer não é pra morrer. Porque ali era pra morrer os dois, porque foi uma batida e depois vinham rindo e brincando uns guri iam servi eu acho lá no quartel eu acho iam pra Canoas. Foi uma tristeza naquele tempo, bah pensei que ia morrer.

E. E na época dessa enchente grande de 42, tinha uns que estavam morando aqui mesmo?

S. Não, ainda não tava morando aqui na enchente. Foi na outra enchente que deu e aí já tinham levantado a rua. A única rua que não tinha água era essa. Mas saiu dali da esquina prá lá já tinha água. Foi daqui pra lá não tinha água até a avenida Eduardo, depois da avenida Eduardo cheio de água.

E. E a fábrica Arroseira alagou também?

S. Encheu também, naquele tempo eu acho que eu não tava trabalhando porque eu tinha ganhado o guri e aí eu vim com ele, fez um aninho quando na enchente. Foi em quarenta e..cinquenta ou sessenta, foi em cinquenta e seis ou cinquenta e oito por aí.

E. Isso...57

S. É cinquenta e sete, ele faz em maio.

E. É, em 57 então. A não, se ele tinha um ano foi 58 isso mesmo. A senhora falou que seu irmãos morreram, dois de sarampo. E essas epidemias morria muita gente, muita gente, criança?

S. Sim muita gente, não tinha cura sei lá não tinha cura de repente morria e agora nós estamos doente eu e meu filho, eu chamo ele de guri. Estamos com uma tosse uma tosse uma tosse que não paramo mais , emagreci oito quilo. Tu acredita? Em dois meses, não passa. Agora tomei um xarope aí e diz que é muito bom mas eu estou com muito medo ele tá ruim. Dói todo o peito dói tudo.

E. Nessa época essa coisa da umidade, depois da enchente..teve muita doeça?

S. Teve muita gente doente, báh a gente ficou arrasado quando começou a enchente grande, a gente dizia enchente grande porque nunca tinha visto uma enchente assim. Tinha três vezes deu enchente aí depois eles arrumaram os canos e colocaram o esgoto alto, como se diz, tipo valão e taparam pra correr mais água em todas as ruas então a água esgota não fica em cima, quando começa a chover eles fecham lá, quando eles ve que vem enchendo a água, eles fecham não deixam entrar. Porque vinha a água e entrava e não corria, ficava tudo alagado. É isso só o que eu sei.

E. Deixa eu perguntar mais umas coisinhas. A senhora estava falando esta questão do seu marido, a senhora disse que conheceu ele na empresa?

S. Huhuhu

E. Vocês começaram, por exemplo, a namorar na empresa mesmo ou vocês se encontravam também fora?

S. Não, nós namorava em casa ele vinha junto pra casa, vinha me levar em casa vinha, às vezes almoçava lá, às vezes jantava lá, conforme era o tempo né, às vezes ele tinha que fazer serão e ficava trabalhando. Ele trabalhava primeiro na juta, nos fardos, depois então tiraram ele porque ele teve uma greve que parou toda a Arroseira, eu não fui trabalhar fiquei em casa e ele passou pra tecelagem, aí ele ficou tipo contra mestre, não sabia nada e foi aprendendo por vontade dele. Olhando os outros fazer. Tinha um chefe

E. Ele passou pra contra mestre porque trabalhou na greve é isso?

S. É trabalhou na greve e depois trouxeram ele de lá pra cá na frente, era Arroseira, trazia arroz, descascava, fazia o arroz não, vinha o arroz e eles e era isso e trabalhava lá e quando veio a greve passou pra tecelagem e ficou trabalhando lá como contra mestre e depois botaram ele de mestre.

E. Quando a senhora era jovem, seu marido e tal em termos de diversão, lazer, o que vocês faziam?

S. Baile, baile era muito raro ele não gostava de baile mas eu ia a baile (risadas) ele ficava e eu ia. Eu ia a baile a muito baile..

E. A senhora ia a baile onde?

S. Aqui no Sport, agora não sei o que que é, que é uma religião que tem lá, diz que é uma religião que botaram e aqui nesse aqui também tinha era tipo uma casa grande de madeira e a frente só de material e agora fizeram tudo coisas novas ali também ia, e ia muito também lá no no no, ai como é o nome, na avenida Eduardo, Sport, não Sport não era.

E. Na Ginástica?

S. Não, Ginástica é aqui né. Fizeram agora nova com outro nome lá era o , esqueço assim fica tanto na cabeça.

E. Mas baile a senhora participava bastante?

SS. Ah, eu ia muito.

E. Quando solteira?

S. De solteira eu ia muito, fugia dizia que ia dormir e a aí nós ia pro baile. Era sem vergonha sim. (risadas)

E. Tinha que aproveitar a juventude.

S. Claro, é.

E. E ia muita gente?

S. Muita gente

E. Pessoal que trabalhava nas fábricas e morava..

S. Nós morava com a mãe e a mãe deixava nós ir. Vocês vão vocês são grande já são moça e sabem se cuidar eu não preciso de ir pra cuidar de vocês. Era pertinho. Era só atravessar uma rua e já tava lá na frente do Sport e tinha o baile ali. Nós morava na Pernambuco, bem pertinho da Margarida.

E. Sei.

S. Sabe, ali nós morava

E. É a minha família morava na Pernambuco depois dos trilhos.

S. Eu morava antes dos trilhos na Pernambuco e foi isso aí que aconteceu. Eu era muito sapeca. Namorava, quando eu comecei a namorar o que era o meu marido aí sim já era mais velha, ia fazer 19, namorei com ele um ano só e logo me casei. Aí

E. A senhora frequentava bastante igreja?

S. Eu ia na igreja, eu ia na última missa sempre na São Geraldo, quando era lá na avenida Eduardo na rua São Pedro ali, quando já era rua São Pedro.

E. Ah eu não sabia que era São Pedro antes.

S. Agora fizeram na Farrapos. Nos ia lá porque lá que era a Igreja, muito pequena que era a Igreja. Aí depois que abriram a Farrapos ganharam aquele pedaço que era o fundo da casa

deles e agora eles tem a saída pela São Pedro, pedacinho que era ali a igreja então eles fizeram a saída dali e compraram parece ou deram ou se eles ganharam aquilo ali , fizeram a igreja ali, só isto.

E. Só mais uma coisa que eu vou lhe perguntar, a senhora falou do Getúlio Vargas, falou das greves também que tinha dentro da fábrica e tal tinha muita discussão sobre política dentro das fábricas entre os trabalhadores? Essa coisa de eleição?

S. Não, eles não faziam só que...tinha tinha homens que faziam e as mulheres iam atrás as mulheres que trabalhava lá tinha que ir atrás deles mas tinha poucas horas e eles logo terminavam. Uma vez nós fomos até lá no caminho novo lá quase no centro, eu disse ah eu vou voltar eu não vou caminhar mais, e vim embora não gostava dessas coisas de ajuntamento eu nunca gostei.

E. E a senhora lembra quando começou a votar a primeira vez que a senhora votou? Em quem , em que partido?

S. Ah, eu votei no Getúlio Vargas, sempre que ia votar era só para ele. Naquele tempo quantos tempo ele ficou ficou muito tempo e todo tempo que e eu me acidentei nunca mais votei.

E. E assim pra vereador essas coisas assim?

S. Não, não tinha nada de vereador. Era dois partidos só. Um não sei como é o nome e o outro é dos trabalhadores.

E. A senhora não conhecia nenhum vereador que fosse daqui ou que fizesse trabalho da região?

S. Não, não. A minha neta se tivesse aí ela falava, é solteira ainda, tem 19 anos não tem 20 anos. Que ela sabe tudo ela está estudando, foi pra faculdade agora fazer uma entrevista lá. Não sei o que que é que tem que fazer saiu logo de pois do meio dia parece que vem de noite não sei que horas que ela vem.

E. A fábrica Arroseira, quem era o proprietário, era uma família ou era mudou no tempo..?

S. Era um dono não sei como era o nome dele, ele trabalhou, quer dizer ele trabalhou ele era velho só ia olhar e ver como estava. Tinha um mestre que ficava no lugar pra cuidar Pra ver se tinha alguma coisa que estragasse, que não sabiam ele ia lá e dava a mão e dizia como tinha que fazer com a mestra ele não falava nunca. Depois que ele morreu veio outro que aprendeu no lugar dele que era genro dele. Aquele que estragou a fábrica toda, foi foi foi que fechou

E. Mas era de dentro da família, era o genro do dono?

S. Era, não sabia nada estava arrebrandando os fios no meio da máquina não sei como não voava no nariz ele vinha se meter lá e ficava. Eu como trabalhava nos tear, o mestre ficou doente e vieram pedir pra uma lá pra ela ficar de mestre e ela falou que não ia e aí falaram comigo. Fala com meu marido, eu não resolvo nada

Fim do lado A da Entrevista com Suely Galinatti

Início do Lado B da Entrevista com Suely Galinatti

...

E. O salário valia à pena?

S. Não, mesmo salário. Eu ganhava muito bem sabe porque eu tirava duas peças no tear, trabalhava com dois tear, quer dizer que eu ganhava bem e eu passei a ganhar o que ganhava nos tear mas de mestre. Aí eu fui e disse bom vou experimentar se não der, eu tinha que ver quem estava falhando, quem não vinha trabalhar, cuidar os mestres pra dar as ordens certas pra eles e tinha e foi isso. Eu trabalhei muito ali.

E. Quer dizer que não compensava tanto?

S. Melhor trabalhar na máquina do que assim, porque se queria trabalhar com um tear só, não me incomodava nem nada e assim me incomodava, faziam tanta lambança ai, tinha gente que queria pegar aquilo a todo custo. Eu não pedi nada me botaram aqui porque quiseram. Eu fui lá e disse que não queria, porque o Odi também não queria que eu pegasse. Eu ganhava bem né. Depois quando eu vim me botaram na máquina pra trabalhar e aí eu agarrei e disse vou pedir um acordo e vou sair. Já tinha ganhado aqueles tanto e eles tapearam o advogado e pagaram pra o advogado pra não pagar pra mim.

E. O advogado era do sindicato?

S. O advogado era era um mestre como se diz meu deus do céu, ele não era nada da firma ele era...advogado não posso lembra o que era tô ruim da cabeça...ele era advogado da justiça (procurador) ele era advogado da justicia e tinha que vim e ver a questã e fazer e era no...(era fiscal) não, devogado devogado da da justicia(do trabalho) ele vinha e a gente tratava com ele quanto que ia ganhar. Se eu ganhava a questã ele pagava se não..

E. Ele não tinha nada que ver com o sindicato?

S. Não, não era separado, semvergonhismo a justicia comprou ele, os homens da firma compraram ele e depois mandaram eu trabalhar e eu fui trabalhar trabalhei na tecelagem ali, mestre né. Mas não quis mais, não vou trabalhar mais vou ficar em casa(som forte de carros) que eu ganho mais, eu mesmo não precisava mais trabalhar porque já estava vencido o tempo 20 anos pra trabalhar e já ganhava aposentadoria aí eu agarrei e me aposentei. Fiquei ganhando o salário mínimo agora.

E. Salário Mínimo?

S. Viu, salário mínimo.

E. 36 anos de trabalho pra ganhar um salário mínimo.

S. É 36 anos, 37 anos sei lá é um monte de anos aí eu tenho minhas carteiras todas legalizadas, paga sindicato, naquele tempo se pagava um mês de sindicato

E. Um dia por ano

S. E agora estou ganhando um salário mínimo, meti questã pra ver se eu ganhava mais mas não deu em nada. Meu filho botou também ganhava quase um milhão, mais de um milhão por mês ele era ele cuidava de sessão, depois foi pra outras firmas trabalhar.

E. Seu filho chegou a trabalhar na Arroseira também?

S. Também trabalhou, trabalhou quinze anos, depois botaram pra rua sem nada, sem direito. Eles botavam assim sem direito sem nada sei lá o que eles faziam e pronto. Vai perguntar e procurar teus direitos e eles ganhavam sempre. Se eles ofereciam dinheiro pros pro

E. Para os advogados

S. Tudo comprado. E a minha eu ganhei a questão e voltei a trabalhar, trabalhei um mês, aí sabe o quê? Não deu mais pra trabalhar. Não tinha mais mestre, não tinha contramestre, não tinha mais nada tudo esculhambado. Aquilo foi foi e fechou eles abriram lá em, não lembro o nome do lugar, um lugar pra fora, abriram mas também não deu e fechou.

E. A senhora começou a trabalhar muito nova, então em termos de estudo, por exemplo, a senhora chegou a ir para escola?

S. Não, eu não estudei. O que eu sei é só o meu nome e alguma coisinha só mais nada. Não sei escrever.

E. E o seu marido?

S. Não, meu marido tinha estudo. Ele tinha estudo porque antes de trabalhar lá na fábrica ele trabalhava pra fora, eles tinham chácara grande. Tinham plantação de arroz muito grande e botavam as crianças no colégio, eram onze filhos a mãe dele teve.

E. O seu filho estudou?

S. Ele estudou bastante, podia ser advogado agora mas não quis queria traabllhar, agora está se lembrando, podia estar ganhando uma nota agora.

E. Ele estudou por aqui mesmo?

S. É, também no SENAI, estava trabalhando na fábrica e estudou precisava tirar um curso não sei de que... estudou ali, estudou no centro, não lembro o nome do colégio e depois não quis ir mais, depois agora, de velho que se lembra, podia dar muito mais dinheiro e no fim ainda tenho que ajudar porque não dá. Meu dinheiro vai todo ali. É triste mas é verdade.

E. A senhora trabalhou esse tempo todo na fábrica tinha muita gente que trabalhava bastante tempo assim ou não?

S. Tinha muita gente, tinha muita gente antiga de casa que ficava trabalhando, gente velha bem velha que depois de velho se aposentava, de moças tinha poucas, poucas.

E. E tinha muita amizade entre o pessoal, nessas épocas de enchente, de ajudar...

S. Tinha, quando estragava a máquina que cortava, rebentava, eu ficava ali e ajudava elas a remendar e tudo. Às vezes, não podiam porque tinham que cuidar os mestres, arrumar as máquinas, mas existia muita muita muita muita mesmo quebrava os tear, então elas se ajudavam uma a outra.

E. E fora do trabalho se uma ficava doente, tinha algum problema o pessoal acompanhava?

S. Não, não. Cada um se virava por si, procurava dotor e médico. Quando é doença assim, dor de barriga coisa assim tinha remédio por lá que eu tinha que dar e eu dava pra elas, a firma dava remédio né se pisava, às vezes na lançadeira, tinha felpa na mão, fazia curativo lá, e quando não estava lá, tinha a, como se diz dotora assim fora a gente ia lá no dotor, eles pagavam separado o dia pra gente quando a gente não podia. O dotor lá da firma arrumava assim pra dor de barriga, um remedinho e quando tava doente que se pisava, se machucava ou pisava os dedos, uma coisa grave e aí era..(som de carro)

E. Encaminhava pra outro, especialistas assim

S. É, era. Só isso.

E. É isso acho que é isso. Mas eu acho que isso., mas também se eu lembrar de mais alguma coisa. Agora que eu já sei o caminho qualquer hora eu venho e apareço, falo com a

Alda e peço pra ela conversar com a senhora. Já rendeu bastante. Eu encontro muita gente do Renner né.

S. A Renner fechou né? Parece que foi só um pedaço. Não é o Renner, tem outra firma lá, tem o Gerdau, não, é outro.

E. Que fechou?

S. É

E. São muitas

S. Duas ali junto era o Renner e tinha o outro o Bier parece que era Bier

E. Acho que era Bier

S. Só tem o Renner mas muito pouquinho, um pedaço. Era grande uma fábrica enorme, aqui o Gerdau era uma firma grande eu não sei desapareceu, tecido parece que só faz cobertor agora pro estado pro governo

E. Ah tá eu não sabia

S. É é só isso mais nada. Não tem mais nada. Agora tudo vem de São Paulo né. São Paulo sim tem mais firmas lá de costura e fazer outras coisas.

E. Na época, por exemplo, o tecido que vocês mesmo compravam eram quase tudo produzido aqui mesmo?

S. É feita por nós, não dava pra fazer muita coisa, às vezes comprava da Alda, depois que vim morar aqui. Comprava muita coisa da Alda. Depois foi indo foi indo a Alda também não trabalhava mais aí.....morreu, botava o carro aqui, tinha lá nos fundos a gaiola lá, agora só está os auto dos de casa. É isso.

E. Está bom dona Suely, Muito obrigado.

Entrevistada: Suely Galinatti

Realizada em 17/10/98

Entrevistador: Alexandre Fortes